

PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DA VIVÊNCIA DE ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTUDO DE CASO EM PRESIDENTE KENNEDY

PERCEPTION OF THE SCHOOL SPACE FROM THE EXPERIENCE OF STUDENTS OF THE 6TH YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION: CASE STUDY IN PRESIDENT KENNEDY

Rozana Paz Martins Marvila **1**
Yolanda Aparecida de Castro Almeida **2**

Resumo: O espaço escolar pode ser visto sob várias óticas e através das categorias geográficas como território, região, paisagem ou lugar. O objetivo geral do trabalho visou compreender de que maneira os estudantes do sexto ano do ensino fundamental percebem e se apropriam do espaço escolar. Concernente à metodologia, a pesquisa se configura como exploratória, aplicou-se um questionário aos estudantes do 6º ano de uma escola municipal da cidade de Presidente Kennedy-ES. O questionário foi composto por perguntas de múltipla escolha, de respostas discursivas curtas e com avaliações em linha linear. Os formulários foram enviados por meio de endereço eletrônico ou por link direto no celular dos estudantes. Quanto à abordagem foi qualitativa não se excluindo alguns dados estatísticos e matemáticos para conhecer a dimensão do que se quer compreender. Os resultados foram apresentados e sugerem que a maior parte dos estudantes vê o espaço escolar como um território.

Palavras-chave: Espaço escolar. Percepção. Categorias de análise da Geografia.

Abstract: The school space can be viewed from various perspectives and through geographic categories such as territory, region, landscape or place. The general objective of the work was to understand how students in the sixth year of elementary school perceive and appropriate the school space. Concerning the methodology, the research is configured as exploratory, a questionnaire was applied to the 6th year students of a municipal school in the city of Presidente Kennedy-ES. The questionnaire consisted of multiple choice question, short discursive answers and with linear line assessments. The forms were sent by e-mail or via a direct link on the students' cell phones. As for the approach, it was qualitative, not excluding some statistical and mathematical data to know the dimension of what one wants to understand. The results were presented and suggest that most students see the school space as a territory.

Keywords: School space. Perception. Geography analysis categories.

Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação (Faculdade Vale do Cricaré). **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3635828506110211>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8856-3040>.
E-mail: rozanapaz@hotmail.com

Doutorado em Tratamento da Informação Espacial (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), Mestrado em Tecnologia Ambiental (Faculdade de Aracruz, FACHA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2353511618321140>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6717-0616>.
E-mail: yolandauneb@gmail.com **2**

Introdução

No aspecto tempo-espaço, o ensino aprendizagem ocorreu de variadas formas. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, o processo de aprender cada vez mais vem se caracterizando pela autonomia do estudante em adquirir o conhecimento. Assim, o diálogo entre várias ferramentas e canais de conhecimento pode ser o caminho para compor esse entendimento para que o próprio estudante se redirecione e construa o pensamento crítico e analítico (CARBOGIM et al., 2017).

Essa proposta deve nortear todas as áreas do conhecimento e por essa razão a Geografia deve ser compreendida a partir de um conhecimento significativo, haja vista que ela aprimorou suas abordagens e o modo como trata as percepções oriundas do indivíduo.

É imprescindível compreender a Geografia enquanto uma ciência permeada por um objeto de estudo: o espaço geográfico. Este espaço sempre que observado ou mesmo analisado, é feita uma análise criteriosa. Dessa forma, sua compreensão é permeada pelas categorias de análise da Geografia: região, paisagem, território e lugar (SANTOS, 1989).

Diante disso, surge a seguinte problemática: Considerando o espaço geográfico enquanto objeto de estudo da Geografia e ainda, que este espaço é analisado a partir das categorias de análise desta ciência, de que maneira ou maneiras os estudantes do sexto ano percebem o espaço escolar?

Esta pesquisa objetivou compreender, a partir da categoria de análise lugar, de que maneira os estudantes do 6º ano do ensino fundamental percebem e se apropriam do espaço escolar. E como objetivo específico: caracterizar as categorias de análise da Geografia.

Este estudo é resultado de uma pesquisa realizada no mestrado intitulada “A percepção do espaço escolar a partir da vivência de alunos do 6º ano do ensino fundamental do município de Presidente Kennedy/ES”.

Percurso metodológico

Com base no percurso metodológico adotado, esta pesquisa configurou-se como exploratória. Sendo de caráter quali-quantitativa, para a coleta de dados utilizou-se um questionário elaborado no Google Forms. Os sujeitos da pesquisa foram alunos do 6º ano do ensino fundamental, o lócus foi uma escola da rede municipal de Presidente Kennedy, localizada no Espírito Santo.

O estudo exploratório tem por intuito compreender o fenômeno e gerar conhecimento útil para ser aplicado em situações em que demandem compreensão, visa ao aprofundamento de um novo conhecimento sobrepondo o conhecimento já consolidado (GIL, 2008)

Configurando-se como qualitativa, uma vez que se intencionou reconhecer quais sentimentos os alunos possuem em relação à escola, o espaço que frequentam todos os dias e como esse local impacta na sua vivência diária. Portanto, foi um caminho interpretativo para compreender como o estudante percebe o espaço da escola, a significação que o mesmo exerce na sua vida de um modo geral. Mesmo sendo extraídos alguns dados que indicaram um perfil quantitativo, como por exemplo, quantos estudantes percebem a escola como um lugar, não foi o foco principal, a pesquisa não se preocupou exclusivamente em representar numericamente as informações obtidas.

Os sujeitos foram alunos de quatro turmas do 6º ano, totalizando 42 alunos. Para que conseguissem responder ao questionário os estudantes precisavam ter acesso à internet tendo em vista que o envio foi feito por e-mail e aplicativo de conversa WhatsApp.

Elaborou-se um questionário com 21 questões de múltipla escolha, em respostas discursivas curtas e de escala linear no Google Forms. O questionário foi enviado ao e-mail desses alunos, responsáveis e pelo celular via aplicativo de conversa. O envio do link pelo celular foi uma maneira de facilitar o preenchimento e reenvio onde a investigadora monitorou as respostas por meio do gerenciamento que a ferramenta disponibiliza.

Os espaços geográficos: breves considerações

A Geografia classifica os espaços geográficos em lugar, região, território e paisagem. É relevante destacar que este espaço é algo concreto, no qual se situam as coisas. É nele que se

encontram dois elementos essenciais: o homem e a natureza. Pode ser entendido como de um lado os elementos naturais e de outro os lugares resultantes da ação do homem. Dessa maneira, os espaços vão sendo apropriados por comunidades e sociedades a partir de suas culturas, de seus entendimentos em diferentes momentos históricos (WIZNIEWSKY et al, 2018).

Inspirada na concepção de mundo de Christopher Alexander (1964) - o espaço não é algo neutro, ou melhor, é uma estrutura viva que envolve muito mais coisas pequenas do que grandes. Trata-se de uma representação topológica que foi desenvolvida anteriormente para caracterizar essa estrutura viva ou a totalidade do espaço geográfico. Algumas pesquisas apontam que os locais em diferentes níveis de escala como país e cidade podem ser bem previstos pela estrutura de vida subjacente. "A alta previsibilidade demonstra que a estrutura viva e a representação topológica são eficientes e eficazes para melhor compreender as formas geográficas" (JIANG; REN, 2019, p. 1).

É dentro dessa estrutura viva que o espaço geográfico vai sendo construído através das ações humanas ao longo dos anos. É assim que a humanidade vai deixando sua história em diversos momentos transformando não apenas fisicamente o espaço, mas também socialmente, tecnicamente e economicamente de acordo com os hábitos e cultura dos que ali habitaram (WIZNIEWSKY et al, 2018).

O espaço geográfico região dentro do cenário geográfico também pode se revestir de características de regionalização. Esse conceito é encontrado em alguns livros de Geografia que atribuem à região questões sobre o surgimento de blocos econômicos e outras ramificações relacionadas ao desenvolvimento de uma comunidade (VIEIRA, 2013).

Cada região, embora contenha traços específicos do lugar como a história, a influência do passado, as relações dos habitantes e sua cultura e a economia precisam interagir com outras localidades para que todos esses aspectos sejam valorizados, sejam reconhecidos como inerentes a ela, ou seja, depende de outros lugares para se complementar e dialogar com as suas potencialidades. A região pode ser entendida como algo mais amplo, pois se torna aberta e integrada com as demais áreas próximas e distantes (BRITO, 2008).

Já a paisagem é um resultado de olhares dinâmicos sobre ela. Trata-se da interpretação de um observador, isto é, em qualquer lugar a qualquer tempo. Esse olhar é carregado de história, de subjetividade, com valores culturais, com o estilo de vida que se tem ou que se apropriou e o ponto de vista de cada indivíduo. A paisagem torna-se indissociável da experiência do observador, visto que essa influencia na maneira de olhar para o mundo. Associa-se valor às paisagens de acordo com essas experiências (CHIAPETTI, 2009).

Oliveira (2016) diz que o conceito de paisagem geográfica tem sido muito abordado nos últimos dez anos, pelo fato de que esse termo é de extrema importância para a Geografia. A categoria possui um caráter específico para a área diferente do utilizado pelo senso comum ou por outras áreas de conhecimento.

Para alguns estudiosos a paisagem é aquilo que o indivíduo vê e depende do olhar que se tem por ela. De acordo com a modificação que o homem faz a sua volta, a paisagem se modifica para melhor ou para pior. A relação entre o homem e a natureza é revestida de necessidades de produção na maior parte dos casos (LIMA et al., 2017).

O conceito de território dentro da Geografia expande a sua denominação para as áreas urbanas e rurais fazendo algumas distinções sobre essas características locais específicas. Por outro lado, tal conceito também ganha novas nuances de acordo com sua contextualização e este pode se direcionar para o lado das questões territoriais propriamente ditas como, por exemplo, as fronteiras, as demarcações de propriedades, domínios ou gestão de determinadas áreas, campo de forças bem como as relações de poder (SPOSITO; SAQUET, 2016).

Conceituar território também se deve levar em conta à maneira como as pessoas se organizam diante dessas localidades. É substancial entender como ocorre a apropriação das áreas, dos espaços, dos ambientes pelos homens para que ali se produzam serviços em geral. Além disso, é dentro dos territórios que também pode haver as relações entre as pessoas sendo elas dentro das negociações ou em outros patamares. O território pode ser definido como um espaço delimitado e/ou demarcado. Foi produzido pela sociedade e exerce um papel geográfico e social (GONDIM; MONKEN, 2017).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da Geografia no ensino fundamental,

o território demonstra a realidade de um espaço que foi construído em um momento histórico específico. Desse modo, é considerada a maneira como as pessoas vivem ou viviam nesse espaço, além das relações que ocorriam entre os indivíduos, e entre eles e a natureza. São considerados também os processos naturais que interferiram na formação e transformação das paisagens (BRASIL, 1998).

O conceito de lugar de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) é apresentado como resultado da interação entre os indivíduos e a natureza. No entanto, após novas interpretações o lugar passou a incorporar as simbologias que constroem junto à materialidade dos lugares e suas articulações.

O lugar é algo funcional do todo, considerando que é nele que ocorrem os fatos, os momentos, as histórias e onde surgem os vínculos afetivos. A construção longeva com o lugar advém da história construída no mesmo. Quando o sujeito tem a perspectiva de permanecer no lugar ou medo de ir embora essa relação é positiva, isto é, há algo mais forte que estabelece um elo entre o indivíduo e esse lugar. Caso contrário, o lugar também pode oferecer más lembranças, sofrimento e falta de progresso para os outros, e, conseqüentemente, estabelecendo assim um vínculo negativo de separação e aversão ao mesmo (TEIXEIRA, 2019).

O conceito de lugar é autoproduzido pelo sujeito, haja vista que parte dele a percepção positiva ou não sobre ele. De sua relação subjetiva com o espaço, melhor dizendo, se o indivíduo desenvolve aspectos afetivos com ele, certamente criará afeição com neste. Antes do estabelecimento dessa relação, o lugar é apenas um espaço. O lugar ganha significância ou não na ligação estabelecida entre o sujeito. O espaço torna-se algo positivo que proporciona sentimentos agradáveis caracterizando o fenômeno chamado topofilia (TEIXEIRA, 2019).

Topofilia e sua topofobia oposta (medo do lugar) realça o significado de emoções na compreensão de respostas ao lugar, isto é, um aparato positivo ou negativo. A topofilia deriva a partir dos elementos que compõem o senso local de lugar, incluindo a paisagem física de rios, campo e as áreas costeiras, bem como a paisagem cultural dos parques e do ambiente construído (TEIXEIRA, 2019).

SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DOS EDUCANDOS NO CONTEXTO ESCOLAR

O sentimento e significação de um espaço dependem da relação estabelecida. Isso porque a influência é mútua, pois ao mesmo tempo em que o espaço vivenciado impacta no desenvolvimento de afeto ou repulsa, vai se construindo novas identidades para o espaço, à medida que este também é afetado pela ação das pessoas. Significa dizer que se houver uma relação de afeto, significação e pertencimento, esse indivíduo poderá identificar-se com o espaço vivenciado, caso contrário pode ocorrer de buscar ou afastar-se daquele espaço ou mesmo interferir de maneira prejudicial (TEIXEIRA, 2019).

Para compreender o ambiente é necessário entender o histórico de vida do estudante, as características do bairro onde mora, seus vínculos afetivos, o que vivenciou no seu tempo de moradia nesse espaço, qual a sua função e influência na interferência desse espaço. À proporção que o estudante vivencia o espaço escolar ele pode compreendê-lo enquanto lugar. Desse modo, o discente será capaz de identificar-se e posicionar-se no cenário no qual vive (NUNES, 2016).

É possível dizer que quando o espaço não atende às demandas de um indivíduo, este estabelece um conceito de lugar que não lhe agrada. A complexidade do espaço começa a caracterizar-se pela interação entre as pessoas e os objetos contidos neste espaço. Esta interação também pode estar ligada aos aspectos sociais dando ao espaço características de um lugar bom ou ruim para quem vive nele (MOTTA, 2003).

Quando o ambiente é bem cuidado desperta bons sentimentos quanto ao pertencimento a esse lugar. Em se tratando de escolas ou ambientes institucionais, muitas vezes, os educandos podem encontrar nesses espaços oportunidades para desenvolver algum tipo de habilidade, esporte etc. Cada escola possui uma identidade própria e isso pode estar associado à cultura da cidade, do estado e da localidade onde está inserida (FERNANDES, 2017).

As condições que o ambiente oferece podem estimular algumas mudanças de atitudes

dos alunos quanto à percepção da escola como um lugar. Uma escola precária onde não há uma visualização boa, com paredes mal pintadas, necessitando de reforma, com mobiliário velho não favorecem nessas transformações. Essas condições podem ser favoráveis no desenvolvimento de trabalhos solidários, de mutirão para organizar, fazer alguns grafites, por exemplo, e reinventar um novo espaço que seja agradável e adequado à promoção da aprendizagem (TEIXERA, 2019).

A relação entre pessoas e lugares é caracterizada por dimensões afetivas e cognitivas, definidas, respectivamente, como apego e identificação de lugares. É nesse cenário que o ensino da Geografia deve direcionar seus esforços para complementar a formação integral dos estudantes (TEIXEIRA, 2019). A discussão sobre a percepção do espaço escolar pelos estudantes vem fazendo parte de alguns estudos da área. Diante disso, é importante citar algumas dessas pesquisas.

Ferreira (2014) visou compreender de que maneira o estudante aprende a se posicionar e atuar melhor no espaço ou lugar onde vive. As estratégias de trabalho envolveram grupos focais para discussão sobre categorias como a paisagem, o lugar, o território e o espaço, por fim, o desenvolvimento de um trabalho com a utilização da fotografia para caracterizar a percepção do lugar. Os resultados do trabalho indicaram que os estudantes passaram a conhecer melhor o seu bairro através das ações desenvolvidas com o estudo. Desse modo, entendeu-se que o grupo que participou da pesquisa não conhecia a fundo o lugar onde moram.

Oliveira et al. (2014) destacam sobre a percepção que as crianças tinham sobre o espaço escolar. Os resultados desse estudo apontaram que as crianças percebem o espaço escolar como um local físico atribuindo à sala de aula, refeitório, pátio e outras instalações como elementos que gostam mais ou menos na sua vivência diária.

Marques e Castanho (2011) objetivaram investigar o sentido construído por alunos da rede pública do ensino fundamental II às diferentes escolas por eles frequentadas. Os resultados apurados constataram que a escola é percebida pelos estudantes como necessária e construída para o aluno aprender, promover-se, conseguir emprego e ter perspectiva. Muitos dos relatos averiguados nos métodos da pesquisa indicam menções sobre “a escola é algo que salvará o estudante” e “uma luz no fim do túnel”. Os autores elucidaram as condições nas quais esses estudantes vivenciam, contextos sociais marcados pela pobreza e violência no lugar onde moram.

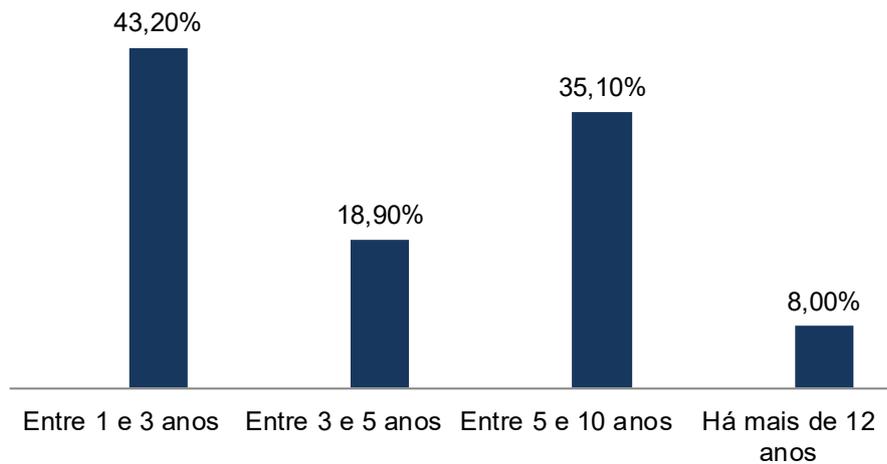
A pesquisa desenvolvida por Mansano (2006) com um grupo de estudantes do ensino fundamental na cidade de Maringá reuniu indícios sobre o que esses alunos entendiam ou enxergavam como topofílico e topofóbico em seu bairro, rua e na escola. Os trabalhos foram feitos através de fotografias por vários espaços e lugares para depois analisar sobre qual sentimento esse estudante tinha a respeito daquele resultado. O que se constatou é que sobre as atitudes de descuido como bairro e rua, por exemplo, os estudantes mantinham a topofobia.

Quanto à escola fotografaram vários locais como pátio onde convivem com outros colegas, o entorno, as paisagens que compõem a escola e outros aspectos ligados a essa percepção. Alguns locais dentro da escola foram considerados ruins pelos estudantes que expressaram isso por meio das fotos tiradas também, como o fundo da escola, os banheiros, algumas áreas sem reforma e sem condição de convivência. Os resultados apontaram que os alunos veem a escola como um lugar importante para a socialização, para a interação e para a concretização de amizades. Foram constatados mais sentimentos de topofilia do que de topofobia (MANSANO, 2006).

Resultados e discussões

A seguir serão apresentados os resultados e discussões dos dados coletados em campo com os alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Para melhor compreensão da percepção de que o aluno tem a respeito do espaço escolar, a primeira pergunta feita a eles foi há quanto tempo estudam na escola, as respostas foram bem diversificadas conforme variáveis apresentadas no gráfico 1. Essa pergunta foi elaborada para conhecer quanto tempo o aluno está convivendo na escola, se em pouco ou muito tempo.

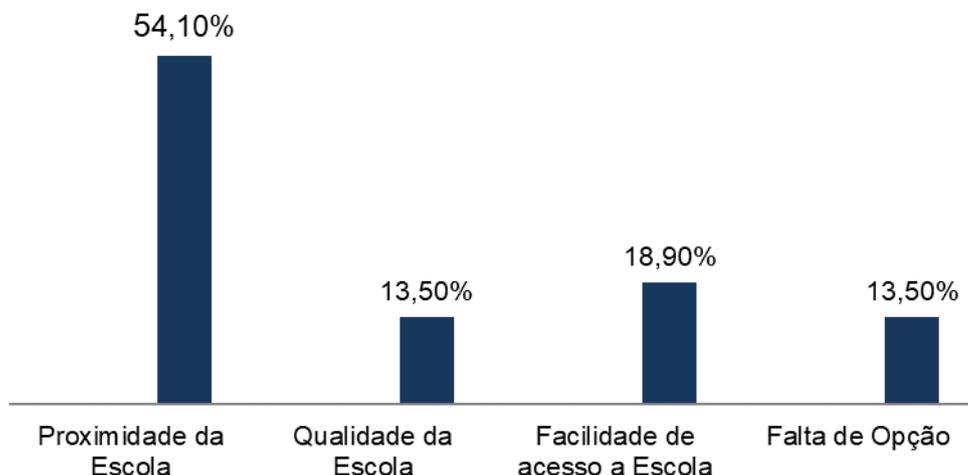


Fonte: Autores, 2020.

Observa-se que alguns alunos estudam na escola entre um e três anos seguidos do grupo que estuda entre cinco a dez anos, sendo considerado um tempo significativo para que já tenham alguma percepção desse espaço. Ao observar o tempo dos estudantes que afirmam estudar há mais de cinco anos na escola, acredita-se que o espaço educacional em questão foi o único em que estudaram. Desse modo, pressupõe-se que nesse tempo os alunos construíram relações e afeições com colegas, professores e outros profissionais da escola. A relação entre pessoas e lugares é caracterizada por dimensões afetivas e cognitivas, definidas, respectivamente, como apego e identificação de lugares segundo Teixeira (2019).

No gráfico 2 quando questionados sobre qual motivo que levou o responsável a matriculá-los na escola, 54% dos estudantes responderam que foi pela proximidade da escola. A segunda opção mais relatada com 18,9% foi pela facilidade de acesso à escola, as duas outras respostas apontaram que 13,5% da escolha se dá pela qualidade da escola e 13,5% foi pela falta de opção. As motivações pelas quais levaram os responsáveis a matricular embora não sejam o foco deste estudo podem já desencadear algum tipo de sentimento para os estudantes, por exemplo, quando o acesso é difícil pode se tornar um sacrifício chegar até à escola surgindo um sentimento de obrigação que não é positivo ou agradável aos estudantes. Diante disso, a escolha da escola pelos pais pode ser um fator que influencia à maneira pela qual o filho percebe o espaço escolar.

Gráfico 2 - Motivos que levaram seus responsáveis a escolherem essa escola

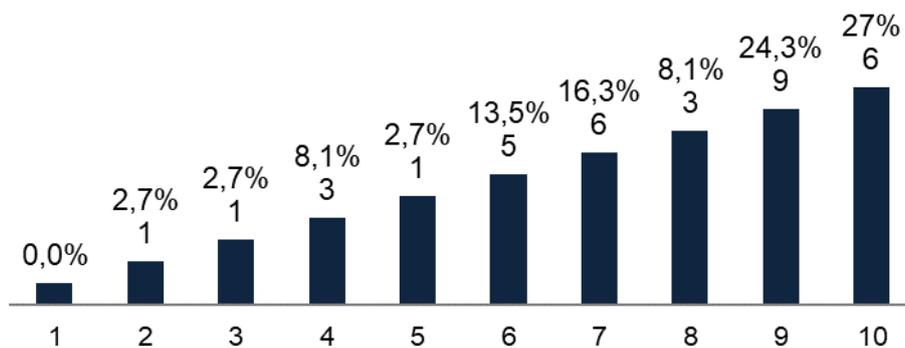


Fonte: Autores, 2020.

A pergunta seguinte do gráfico 3 buscou compreender qual o sentimento que os estudantes

tinham pela ação de ir à escola. A pergunta foi elaborada com a estrutura de uma escala de zero a dez. O zero significava que “detestava ir à escola” e o dez significava que “gostava muitíssimo”.

Gráfico 3 – Sentimentos em relação ao ato de ir à escola



Fonte: Autores, 2020.

Em consonância com a questão anterior, 27% dos estudantes responderam que gostavam muitíssimo de ir à escola. Significa que menos da metade do grupo gostava muitíssimo. Observando essa resposta e identificando que dez alunos afirmaram gostar muitíssimo, é possível dizer que pode haver um sentimento de pertencimento. É na relação que o sujeito cria e desenvolve com o lugar que esse ganha significância ou não. Se ele vê o ato de ir à escola como algo positivo pode estar associando a própria escola como um local agradável. O espaço se torna um ambiente que desperta bons sentimentos, caracterizando pelo fenômeno chamado topofilia segundo Teixeira (2019).

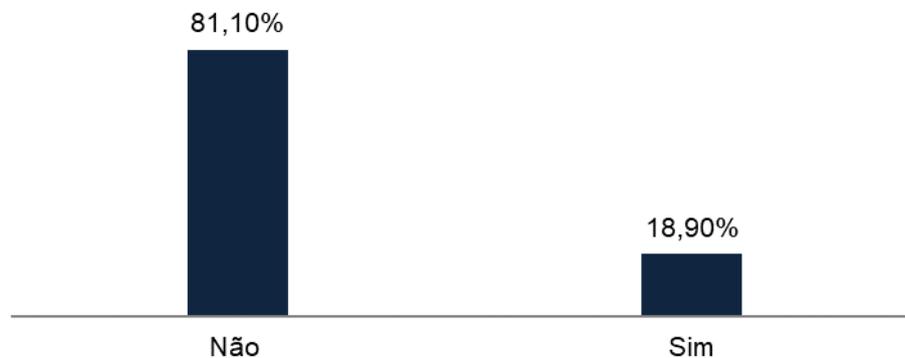
Várias foram às emoções relatadas pelos estudantes, ao responderem sobre os sentimentos que sentiam em ir à escola. Dentre estas emoções, foi narrada que a:

Alegria, sentimento de responsabilidade, ou seja, teria a obrigação de ir, sentia-se feliz, animada, não gostava muito, muito boa a ida à escola, felicidade por gostar de estudar, no início não gostava muito, mas depois passou a gostar um pouco, sentimento de preguiça, mas eu gostava por causa dos meus colegas, sentimento de compromisso, pois quer ser “alguém” na vida.

As respostas que obtiveram maior frequência foram as que remetem à felicidade e achavam muito boa, em outras palavras, são sentimentos positivos em relação ao ato de ir à escola. O questionário também continha uma pergunta sobre a possibilidade de os alunos frequentarem a escola em horário depois da aula.

Com base no gráfico 4, em relação à frequência dos alunos em horários além das aulas 81,1% não frequentam e 18,9% frequentam. Esse fato pode ser associado à falta de atividades no contraturno, pelo fato de a escola não ser de tempo integral, também há alguns estudantes que moram na zona rural ou pelo fato de os responsáveis não autorizarem a permanência ou ida desses estudantes à escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) citam que o território é um espaço construído em algum momento histórico e que expressa como as pessoas vivem e quais as relações que tinham nesse espaço. Quando se interpreta essas respostas, é possível articulá-las com essa conceituação desse documento, pois esses sentimentos podem estar ligados aos tipos de relações que esses estudantes construíram na escola.

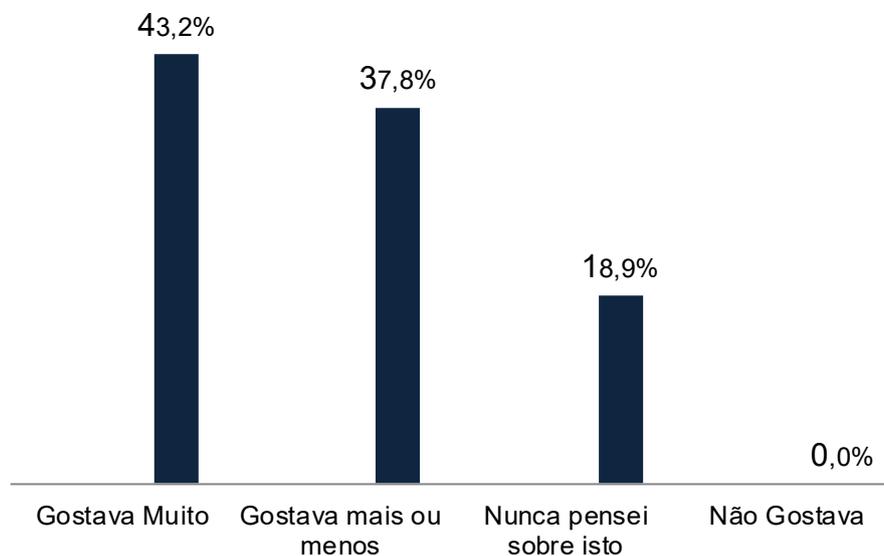
Gráfico 4 – Porcentagem de alunos frequentes na escola em horário extra turno



Fonte: Autores, 2020.

Com base no gráfico 5 abaixo, 43,2% dos estudantes gostam muito de permanecer na escola, 37,8% gostam mais ou menos, 18,9% nunca pensaram acerca do assunto, é importante ressaltar que nenhum aluno optou pela resposta que não gostavam de sua permanência na escola.

Gráfico 5 – Sentimentos em relação ao ato de permanecer na escola

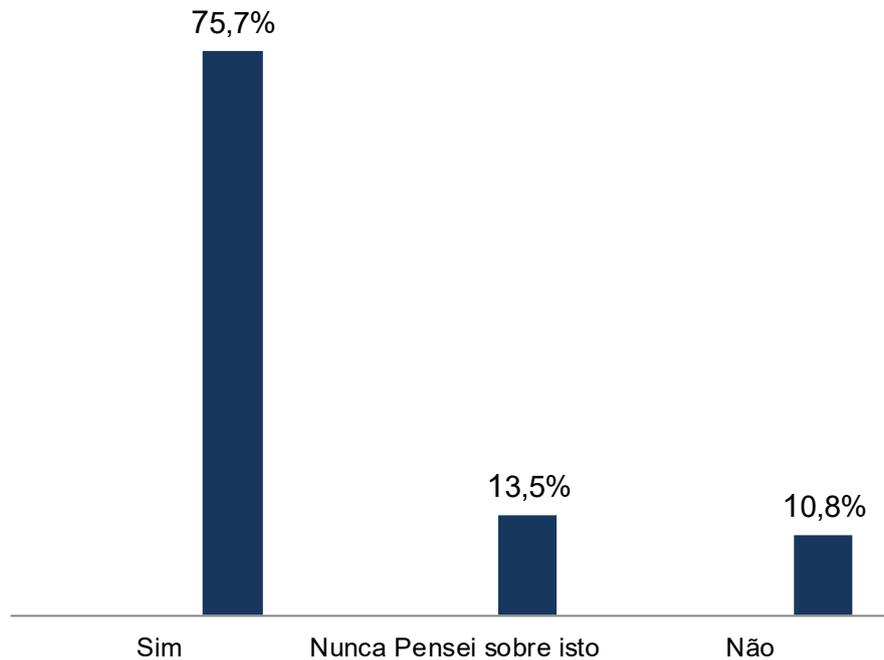


Fonte: Autores, 2020.

Os resultados do gráfico 6 abaixo evidenciam que 75,7% dos estudantes participantes da pesquisa acreditam ser tranquilo o horário de permanência na sala de aula. Os alunos também responderam sobre como se sentiam enquanto permaneciam na escola através de respostas curtas. Os resultados apontaram que 18 dos alunos se sentiam bem, dois se sentiam à vontade. Essas foram às respostas mais frequentes. As demais apontam para sentimentos de cansaço, sentiam-se sempre ansiosos, prisioneiros, nervosos, contentes, necessitando estar ali para aprender.

Gráfico 6– Sentimento em relação à percepção de tranquilidade ao permanecer na sala de

aula.



Fonte: Autores, 2020.

Essas respostas estão em consonância com as ideias defendidas por Teixeira (2019) quando diz que o conceito de lugar é autoproduzido pelo sujeito. Significa dizer que parte do indivíduo a percepção positiva. No caso dos estudantes associou-se à escola a um lugar bom, tranquilo e que gostam de ficar às vezes.

Quando perguntados sobre o que deveria ser melhorado na escola, as respostas foram bem diversificadas prevalecendo sobre a estrutura física, reformando as salas de aula, banheiros, quadras, colocação de ar-condicionado por conta do calor, e com isso o desconforto, além da limpeza que um aspecto negativo apontado pelos alunos. Alguns citaram o incômodo com outros colegas na questão de conversas, atitudes desrespeitosas e quanto aos horários das aulas que deveriam ter um acréscimo para que permaneçam um pouco mais nos estudos.

Sobre a participação dos alunos em alguma organização escolar como grêmios, conselho e líderes de turma 86,5% disseram que nunca participaram e 13,5% que sim. Um aluno apontou que na escola nunca existiu o Grêmios Estudantil para que participasse e outros estudantes responderam que sua participação foi em eventos como dança festa, competições do interclasse de futsal e jogos de queimada. Essas respostas podem indicar que os estudantes não compreenderam completamente a pergunta feita.

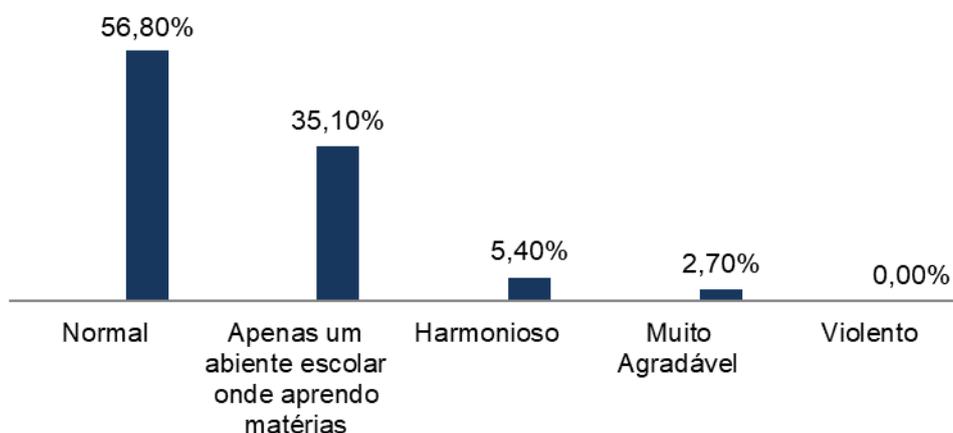
Quando questionados sobre se consideram a escola como um lugar favorável para sua aprendizagem 33 responderam que sim. Dentre esses alunos, oito associaram a aprendizagem aos bons professores que atuam na escola, quatro ao tipo de ensino que a escola propõe e cinco complementaram positivamente apontando que as aulas presenciais favoreciam ainda mais a aprendizagem. Os 16 restantes apenas responderam que “sim”. No mesmo questionamento dois estudantes responderam “mais ou menos” associando essa resposta ao nível fraco da escola e à falta de conhecimento do professor em explicar as matérias. Dois estudantes responderam que a escola não é um lugar favorável para a aprendizagem. Um associou essa resposta negativa à sua dificuldade de aprendizagem, e outro estudante associou a situação em que os colegas o atrapalham a compreender a explicação.

Sobre a convivência com os colegas, 25 responderam que é boa, quatro responderam muito boa, quatro como normal, dois como mediana e um como muito boa. Nas respostas positivas, alguns alunos complementaram a escrita indicando que na convivência há amizade e respeito, que primam pelo cultivo das amizades e que os colegas são ótimas companhias.

Já sobre a convivência com os professores 30 alunos consideraram como boa, três responderam como ótima, três responderam como relacionamento normal e outro respondeu como mediana.

Percebe-se no gráfico 7 que 56,8% dos alunos classificaram o ambiente da escola como normal e favorável para sua aprendizagem. Outro dado é que 35,1% consideram a escola apenas como um ambiente escolar onde se aprendem as matérias. A percepção parte da resposta “normal” o que sugere várias possibilidades. O que é normal para um indivíduo não é para outro. Qual a concepção de “normal” para o estudante? É uma resposta subjetiva e indefinida para delimitar como um aspecto positivo ou negativo. O interessante é que nenhum aluno considerou a escola como um ambiente violento ratificando a questão anterior onde percebem esse espaço como um ambiente tranquilo para sua permanência.

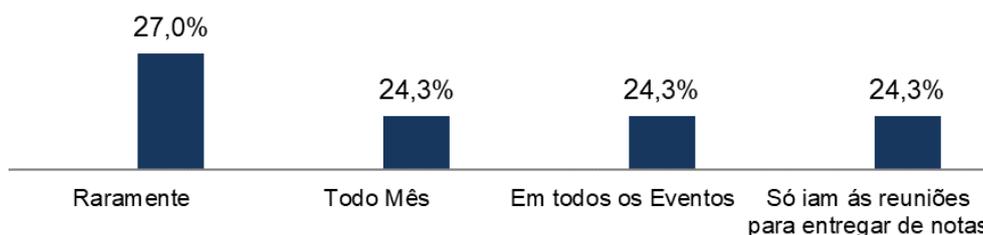
Gráfico 7 – Classificação do ambiente escolar segundo os alunos



Fonte: Autores, 2020.

Com base no gráfico 8, indagou-se sobre a frequência de participação dos pais ou responsáveis na escola acerca de diversas situações não se limitando apenas as reuniões obrigatórias onde são entregues os resultados bimestrais ou trimestrais. As respostas se apresentaram bem divididas e equilibradas, porém com uma margem pequena enfatizando que a maior parte dos pais ou responsáveis raramente comparecem à escola. A ausência da família na escola é um grande desafio para que a escola supere os impactos no desempenho escolar do aluno.

Gráfico 8 – Frequência de participação dos responsáveis na escola

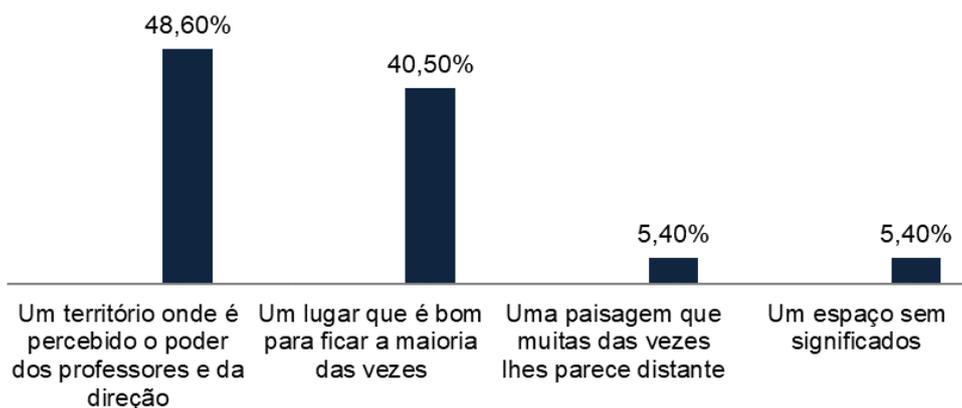


Fonte: Autores, 2020.

Em relação ao gráfico 9, a descrição que o estudante possui e que melhor defina a escola para ele, a maioria respondeu que é um território onde é percebido o poder dos professores e da

direção, correspondendo a 48,6%. A segunda resposta mais frequente correspondendo a 40,5% foi a que os alunos consideram como um lugar bom para ficar na maioria das vezes. Houve ainda alunos que percebem a escola como uma paisagem que lhes parece distante e outros como um espaço sem significados.

Gráfico 09 – Descrição da escola sob o ponto de vista dos alunos



Fonte: Autores, 2020.

Gondim e Monken (2017) salientam que o território é um espaço no qual se observa como as pessoas se organizam dentre dele. Essa organização pode ser em relação às funções e ao poder.

As respostas também dialogaram com o que acredita Motta (2003) quando diz que quando o aluno vê o espaço sem significados no que se refere à escola é por que de alguma maneira ela não atendeu às suas demandas, às suas expectativas. Passa a ser um lugar que não lhe agrada. Assim como salienta Teixeira (2019), o lugar é algo funcional do todo, pois é nele que ocorrem os fatos, os momentos, as histórias e onde surgem os vínculos afetivos. Quando não são estabelecidos tais vínculos, o estudante pode não atribuir significado ao lugar. Essas considerações são importantes e justificam a resposta do aluno.

Esse sentimento sobre a escola não ter significado pode estar atribuído às condições do espaço como a necessidade de uma reforma como foi relatada pela maioria dos alunos em outro momento, a presença de mobiliário velho. É o que descreve Teixeira (2019).

Sobre a suspensão das aulas e a necessidade de distanciamento preconizado pela Organização Mundial da Saúde, devido à COVID-19, percebe-se que os alunos se sentem saudosos e tristes. Dois estudantes responderam que estão tranquilos em relação a essa situação de pandemia, outro que não sabe sobre qual sentimento que sente, um sente mais ou menos com a nova realidade. Os alunos relataram que estão com saudade da escola, dos colegas, o ensino presencial onde acreditam aprender mais, a ausência dos professores, a sensação de ter uma escola cheia e movimentada.

Teixeira (2019) defende que o lugar é um ambiente no qual surgem relações afetivas, nesse aspecto com o sentimento saudoso, pode-se dizer que esses estudantes nesse momento de lembrar sobre a escola e o que viveram se aproximaram da percepção da unidade escolar como um lugar.

Quando indagados sobre o que fariam pela escola atualmente as respostas foram bem variadas abrangendo as questões estruturais, como melhorias nas salas de aula, na quadra de esporte, implantação de ar-condicionado, reforma do parquinho e de áreas externas, melhorariam a merenda escolar. Outros não opinaram, e alguns desejam que ela permaneça do mesmo jeito.

Ao serem questionados sobre o que fariam pela escola se tivessem esse poder, as respostas foram bem diversificadas, 21 alunos responderam que seria reforma. Essas modificações seriam em vários lugares, no parquinho, na quadra, no pátio, construção de uma piscina para terem aula

de natação e na sala de aula. Dez alunos responderam com elementos que remetem à proposta pedagógica da escola como no aumento dos horários das aulas de Educação Física, no fim de apostilas, melhorias na merenda escolar e nos projetos que a escola faz e nunca conclui. Dois alunos responderam que não faziam nada e que a escola está boa do jeito que está. Quatro estudantes responderam que não sabem.

Em meio a todas as respostas e considerando a visão de que a escola deve ter sua estrutura física melhorada, pode-se dizer que há a toponímia que conforme destaca Teixeira (2019), deriva-se dos elementos que compõem o senso local de lugar e isso inclui a paisagem física, bem como a paisagem cultural dos parques e do ambiente construído no caso da escola se referiram aos banheiros, às salas de aula, ao parquinho, quadra, pátio dentre outros ambientes.

Desta forma são múltiplas as indagações e questionamentos que os alunos fazem a respeito do seu olhar para com o ambiente da escola. Nesse sentido, faz-se necessário criar metodologias para que os alunos possam ser ouvidos na sua totalidade dentro do seu ambiente de estudo.

Considerações finais

Foi perceptível com base nos resultados da pesquisa que esses estudantes veem a escola como um território já que atribuem a ela elementos de poder, quando mencionam que o espaço é ocupado por professores e diretores exercendo seu poder, quando citam as questões da estrutura e delimitação que também está sob o domínio do docente.

Os educandos avaliaram positivamente a questão de ir à escola. Esse momento pode ser agradável dependendo do percurso, o transporte utilizado, o tempo gasto da residência até a escola e as companhias dos colegas. Por outro lado, a depender da escola selecionada pelos pais, os alunos podem estudar em unidades distantes de suas casas, alguns por morarem em áreas rurais podem percorrer muitos quilômetros e em trechos até a pé tornando esse momento cansativo e sacrificante. Contudo, pelos relatos esse ato foi considerado positivo.

Os discentes avaliaram negativamente a estrutura da escola. Essa resposta pode estar ligada ao bem-estar de permanecer em um local agradável, seguro, com boa estrutura, manutenção e organização. Ambientes degradados acabam incomodando e projetando uma má imagem.

Os alunos relataram emoções importantes em relação à escola como alegria, responsabilidade, animação, felicidade, compromisso e até mesmo evolução da percepção onde alguns iniciam não gostando muito da escola e depois evoluem para um sentimento maior que envolve um gostar, sentir-se bem no espaço escolar. Esses relatos foram considerados positivos, pois em nenhum relato os estudantes apontaram aversão, ódio ou outro tipo de sentimento negativo ao extremo.

Os sentimentos positivos alcançam também as respostas positivas quanto à permanência do estudante na sala de aula durante o horário escolar. Essa percepção é positiva para que os mesmos se envolvam nos processos educacionais, na construção das relações e também ao sentimento de pertencimento ao lugar.

Relativo à percepção dos alunos sobre território, é substancial repensar algumas alternativas que possam contribuir para melhorar essa visão, para o desenvolvimento da afinidade e a articulação entre o aluno e o lugar, entre o sentimento de pertencimento a esse espaço tornando-se importante.

Desta feita, vários fatores contribuem para que o aluno não tenha um sentimento positivo ou de pertencimento quanto ao espaço escolar. Porém, é importante que o professor envolva o aluno nas transformações como produtores das ações no ambiente escolar, cuidando também desse espaço, lançando um olhar crítico sobre ele ao passo que a escola também saiba receber esses estudantes protagonistas.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2018.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, T.M.A. de. **A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos.** v. 10 n. 20 (2008): GEOgraphia. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/13563-52911-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CARBOGIM, F.C. da et al. Ensino das habilidades do pensamento crítico por meio do Problem Based Learning. **Texto Contexto Enferm**, v.26. n.4. p. 1-10. 2017.

CHIAPETTI, J. **O uso corporativo do território brasileiro e o processo de formação de um espaço derivado: transformações e permanências na região cacaueira da Bahia.** 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2009.

CLAVAL, P. **Terra dos homens: a geografia.** São Paulo: Contexto, 2010.

FERNANDES, F. **Projeto fortalece sentimento de pertencimento dos alunos à E.M. Bernardo Vasconcellos.** 2017. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/13383-projeto-fortalece-sentimento-de-pertencimento-dos-alunos-%C3%A0-e-m-bernardo-de-vasconcellos>. Acesso em: 01 abr. 2020.

FERREIRA, V.J. **A percepção do espaço vivido por alunos da educação de jovens e adultos.** 2014. Universidade Estadual de Londrina, Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_geo_artigo_vanderlei_jose_ferreira.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, G; MONKEN, M. **Território e Territorialização.** In: Grácia Maria de Miranda Gondim; Maria Auxiliadora Córdova Christóforo; Gladys Miyashiro Miyashiro. (Org.). Técnico de vigilância em saúde: contexto e identidade: volume 1. 1ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2017, v. 1, p. 21-44. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/39894/2/T%C3%A9cnico%20de%20Vigil%C3%A2ncia%20em%20Sa%C3%BAde%20-%20Territ%C3%B3rio%20e%20territorializa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LIMA, M.T. et al. A geografia escolar e o conceito de paisagem. IN: I CONGRESSO NACIONAL DE GEOGRAFIA FÍSICA. n.1. Campinas. **Anais...** Campinas. Instituto de Geociências – Unicamp, 2017.

JIANG, B; REN, Z. Espaço geográfico como uma estrutura viva para prever atividades humanas usando big data. **International Journal of Geographical Information Science.** v. 33. n. 4. p. 764-779. 2019.

MANSANO, C.N. do. **A escola e o bairro: percepção ambiental e interpretação do espaço de aluno do ensino fundamental.** 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2006.

MARQUES, P.B; CASTANHO, M.I.S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Psicologia Escolar e Educacional.** v. 15. n. 1. p. 23-33. 2011.

MARTINS, M.L. **História e meio ambiente.** São Paulo: Faculdades Pedro Leopoldo, 2007.

MARVILA, R.P.M. **A percepção do espaço escolar a partir da vivência de alunos do 6º ano do ensino fundamental do município de Presidente Kennedy/ES.** 2020. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação) - Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus. 2020.

MOTTA, M.F. **Espaço vivido/espço pensado.** 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

NUNES, R.G. **O lugar como espaço vivido**: estudo de caso no município de Goioerê. 2016. Universidade Estadual de Londrina, Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_geo_unespar-campomourao_rosenygomesnunes.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

OLIVEIRA, L. de; MACHADO, L.M.C.P. Calderini Philadepho. **3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem**. Rio Claro: UNESP, 1998.

OLIVEIRA, S.B. de. Paisagem do entorno da escola. In: PARANÁ (Estado). **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**: produções didático-pedagógicas. Curitiba, 2016.

OLIVEIRA, R.M. de et al. A percepção da criança /aluno em relação aos espaços escolares. **Revista Intercâmbio**. v. 5. p. 15-22. 2014.

SANTOS, M. **O espaço geográfico como categoria filosófica**. Revista Terra Livre, n. 5, p. 9-20, 1989. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/viewFile/67/67>. Acesso em: 04 set. 2020.

SILVA, M.S.F. da; SILVA, E.G. da. O ensino da Geografia e a construção dos conceitos científico geográficos. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. São Cristóvão. **Anais ...** São Cristóvão: Educação e Ensino de Ciências Humanas e Sociais, 2012.

SILVA, V.R.J. da. Os conceitos geográficos e sua importância na formação do professor para uma didática escolar. **Revista Digital Simonsen**. n. 4. p. 11-30. 2016.

SPOSITO, E. S; SAQUET, M. A. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. **Caderno Prudentino de Geografia**. v. 2. n. 38. p. 84-112. 2016.

TEIXEIRA, C. C. Paisagem, lugar e território e o ensino de geografia no Campo: a geografia sob o olhar dos professores do Campo. **Para Onde!?** v. 12. n. 2, p. 30-38, 2019.

VIEIRA, N. R. O conceito de região e o ensino de geografia: desencontros entre o saber escolar e o saber acadêmico. **Revista Formação**. v. 1.n. 20. p. 21-37. 2013.

WIZNIEWSKY, C.R.F. et al. **Educação do Campo**: Geografia I. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

Recebido em 11 de janeiro de 2021.
Aceito em 22 de fevereiro de 2021.